

A (DES)POLITIZAÇÃO DA JUVENTUDE FRENTE A FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA NA CONTEMPORANEIDADE

THE (DE) POLITIZATION OF YOUTH IN FRONT OF IDENTITY FRAGMENTATION IN CONTEMPORANEITY

LA (DE) POLITIZACIÓN DE LA JUVENTUD FRENTE A LA FRAGMENTACIÓN DE IDENTIDAD EN LA CONTEMPORANEIDAD

Sávio O. da Silva Santosⁱ

Resumo: O presente trabalho visa reverberar acerca das práticas e reflexões da juventude na entre as duas primeiras décadas do século XXI, em vista de perceber as construções e desconstruções de identidades e ideologias culturais, sociais e principalmente políticas. Dessa forma, analisando essencialmente as moldagens dirigidas pelas novas formas de construção do saber e suas adaptações às plataformas digitais na tentativa de ampliar seu campo de visão e se manter ativo às novas roupagens do sistema capitalista e/ou governamental. As discussões estarão a luz da captação de teorias raciais no intuito de se pensar também a condição de raça como fator preponderantemente mais afetada na discussão desde a modernização até a contemporaneidade. Dirigida no campo de pesquisa dos Estudos Culturais, o referente artigo se compõe no cerne da metodologia de revisão bibliográfica. Para tanto, utilizando de teóricos contemporâneos que discutem a manutenção corpórea una aos movimentos como forma de construção política e ideológica em menção, bem como: Stuart Hall (1934-2014), Nilma Lino Gomes (1961), Achille Mbembe (1957-), dentre outros.

Abstract: The present work aims to reverberate about the practices and reflections of youth in the first two decades of the 21st century, in order to understand the constructions and deconstructions of cultural, social and mainly political identities and ideologies. Thus, analyzing essentially the moldings directed for the new ways of building knowledge and its adaptations to digital platforms in an attempt to expand its field of vision and remain active in the new guises of the capitalist and / or governmental system. The discussions will be in the light of the capture of racial theories in the intuition of also thinking about the condition of race as a predominantly more affected factor in the discussion from modernization to contemporary times. Directed in the field of Cultural Studies research, this article is at the heart of the literature review methodology. To this end, using contemporary theorists who discuss the bodily maintenance of movements as a form of political and ideological construction in mention, as well as: Stuart Hall (1934-2014), Nilma Lino Gomes (1961), Achille Mbembe (1957-), among others.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo reverberar sobre las prácticas y reflexiones de la juventud en las dos primeras décadas del siglo XXI, para comprender las construcciones y desconstrucciones de las identidades e ideologías culturales, sociales y principalmente políticas. Por lo tanto, analizando esencialmente las molduras dirigidas a las nuevas formas de construir conocimiento y sus adaptaciones a las plataformas digitales en un intento de expandir su campo de visión y permanecer activo en las nuevas pautas del sistema capitalista y / o gubernamental. Las discusiones serán a la luz de la captura de teorías raciales en la intuición de pensar también en la condición de la raza como un factor predominantemente más afectado en la discusión desde la modernización hasta los tiempos contemporáneos. Dirigido en el campo de la investigación de Estudios Culturales, este artículo está en el corazón de la metodología de revisión de literatura. Con este fin, utilizando teóricos contemporáneos que discuten el mantenimiento corporal de los movimientos como una forma de construcción política e ideológica en mención, así como: Stuart Hall (1934-2014), Nilma Lino Gomes (1961), Achille Mbembe (1957-), entre otros.

Palavras-chave: Identidade; Tecnologia; Pós-modernidade; Juventude.

Keywords: Identity; Technology; Postmodernity; Youth.

Palabras clave: identidad; Tecnología; Posmodernidad; Juventud.

INTRODUÇÃO

Com a ascensão das novas tecnologias ainda mais refinadas no final do século XXI, rumos diferentes da exposição de um produto ou causa foram tomados para conseguir alcançar uma nova era e mantê-lo em pauta. Produtos culturais, literários e políticos, quando não todos em compilação, só conseguem assumir seu papel por meio da adaptação, antes intersemiótica, mas agora, necessariamente tecno-intersemiótica. A educação é um dos sistemas que iniciou prematuramente, mesmo em lentos passos, sua digitalização. Hodiernamente, quando mais necessária que nunca, parece ser a que vai se sair melhor no jogo da contemporaneidade. Ante um jogo de utopia, essa era carrega consigo a acessibilidade, a facilidade, mas com elas, a segregação da criticidade.

A segregação está no sentido de definir o útil e o descartável, estabelecer especificidades e divisões no jogo para se manter em meio a um processo de efemeridade. Contudo, como em toda era, surgem movimentos que vão de encontro aos pensamentos de estruturas e sistemas de governo que se percebem desiguais. Dessa forma, se torna importante e instigante pensar a forma como o ser humano, composto por identidades, lidará com essa nova era, a qual investe de forma autêntica na influência da sua subjetividade e tenuidade da sua gana.

Para pensar esse debate de forças, é preciso reconhecer que, mesmo apesar do recorte das décadas mencionadas, não só a juventude, mas a população em geral, possivelmente necessitará rever sua história para compreender que qualquer “concessão” ou “nova regulamentação” governamental não tem iniciação própria, e as que houveram foram de teor extraordinário. Entender que a abolição de escravatura de um país, não poderia ser apenas por uma “tomada de decisão” a partir da moral de uma benfeitora, senhora de escravos. Entender que um impeachment pode ser desenvolvido a partir de erros administrativos federais, contudo, há iniciativas políticas e principalmente contra partidárias influenciando, quase sempre, na conclusão desses processos. E até mesmo o convencimento da existência do preconceito racial e do racismo no Brasil fora forçado para, a partir do seu reconhecimento, traçar estratégias para combatê-lo historicamente.

A estrutura política é forçada por uma massa à modificação do seu plano estrutural. Por certo que como estratégia política essa tomada de decisão assuma o caráter dubitável tomando a mudança enquanto modificação planejada e de iniciativa própria, dessa forma, não aparentando ceder à pressão popular e política, mas buscando de forma insinuante o apoio dessas massas. A des(politização) se dá na medida em que a criticidade para reconhecer esses fatores passam a exigir determinada cosmovisão histórica, para

reconhecer as metodologias políticas, fazer apontamentos e, se preciso, como costuma acontecer de forma recorrente, lutar contra ela.

Para tanto, na primeira sessão do nosso artigo trabalhamos a forma como a identidade juvenil pode estar sendo composta e moldada para servir ao regime tecnológico, capitalista e se reivindicar de forma tênue. Na segunda sessão vemos os exemplos de insurgências de outras gerações a partir da sua juventude, no enfrentamento às classes e padrões sociais. Por fim, discutimos, sem exaustar o debate, como a juventude se encontra na contemporaneidade e as formas que ela poderia se pensar para agir de forma mais incisiva, ressignificando e reutilizando as mesmas ferramentas que as suavizam para fortalecer sua praticidade.

HIBRIDISMO OU INTERSECÇÃO DE IDENTIDADE(S)?

“O que eu consigo ver é só um terço do problema
É o sistema que tem que mudar
Não se pode parar de lutar
Senão não muda
A juventude tem que estar a fim
Tem que se unir”
- Negra Li

A degradação de um corpo ideológico uno, isto é, composto por diversos membros, mas representado mediante a uma só ideia e razão, tendeu à substituição e difusão do plano de ideias e tomou forma em uma famigerada elucidação de membros arquétipos. Moldando, assim, o comportamento desse corpo e o levando-o a compreender a metamorfose de cada membro, passando a respeitar e representar diferentes arquétipos em diferentes momentos.

Como corpo, compreendamos o sentido de identidades e a sua pluralidade forçada pela pós-modernidade, como também explica Stuart Hall em traçar de forma diacrônica da ideia de identidade em diferentes momentos da história: no iluminismo, no plano sociológico e enfim na continuação da modernidade. Na fuga de uma utopia sistêmica, essa amplitude ideológica que é a identidade passará a sofrer embates a partir do momento em que suas pautas passam a avançar, se ampliar e a colocar em debate a construção moral, política, sexual e racial desse corpo.

Em um exemplo típico, Hall descreve em “Identidade cultural na pós-modernidade” o momento em que um advogado negro passa a assumir o cargo em um partido político. A comunidade negra — a raça — entra em acordo em apoiar o então

partido “Liberalista” por causa desse fator. Tempos depois, esse mesmo advogado fora acusado de assédio sexual por sua secretária e o debate de gênero entra em vigência representando apoio à acusadora. Mas voltando ao cerne da questão proposta, o pensamento seria: As pessoas do movimento negro ficaram no paradoxo de pensar “se o partido ou a mulher o acusara injustamente como forma de descartá-lo”, já que àquela altura, o partido já havia sido eleito; as mulheres pensaram: “Como o partido tinha pecado em colocá-lo em um cargo tão nobre dentro daquela bolha social”. As pessoas racistas se debruçaram à acusação e impulsionariam de qualquer jeito a sua “condenação”; assim, percebemos outras formas de pensar a partir da identidade assumida ou do hibridismo dessas identidade(s) e, mediante(s) a ela, ler o mundo. Mais que um exemplo de interseccionalidade, temos a problematização da “representatividade”, já que se ignorou uma questão criticada pelo movimento, “o liberalismo partidário” em troca de uma representação.

Pensar a identidade no caso mencionado, se torna preciso refletir a interseccionalidade dessas identidades, seus enfrentamentos, dogmas. Em dado momento, necessariamente, na pós-modernidade, haverá de se abster de uma, em compensação da defesa da outra. Nem sempre por determinantes jurídicos e tão políticos como supracitados, contudo, pode-se prever confusos e difusos embates.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando as ideias que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. (HALL, 2006 p. 9)

A confusão dessas identidades imbuí as pessoas em determinadas posições de controvérsia ou apenas reprodução de um discurso sem saber o real intuito da sua criação. Ao adquirir uma identidade, ou pensar estar sob ela, você pode utilizar, pronunciar a palavra sem saber seu conceito, mesmo levando em conta a sua polissemia. Utilizar de certas roupagens sem depreender o estilo de onde proveio. Metaforicamente, a exemplo, seria um negro de cabelo grande e crespo, que se afirma e propõe a evidenciação da sua raça e prega um discurso de movimento, sem saber da existência do “Black Power” e sequer o movimento de negritude.

Com isso, percebemos que a compreensão fútil e superficial serve apenas para apresentar-se à um sistema que forja e permite sua evidenciação, tornando-o no *game* da

apropriação. O mesmo sistema que equaliza a propagação dessa voz, que só reproduz, mas não o enfrenta, dessa forma, entrando em processo de despolitização, já que de alguma forma, a pessoa acredita estar agindo de forma politizada.

Para despolitização é necessário o descentramento de algo já estruturado, torná-lo ultrapassado, incompatível e desnecessário. Para o descentramento desse eu já existente compreendemos enquanto comportamento de identidade tradicional e será sobre a decadência do tradicionalismo que se fixará o “novo”.

O tradicional aqui representa um locus onde os saberes e a moral se fixaram enquanto herança cultural. “A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes” (Giddens *apud* Hall, 1990, p. 37-8). Nessa troca ou oscilações de identidades, a identidade tradicional, a qual já estava construída por transmissão, também entra em jogo. Nas discussões raciais temos exemplos, principalmente nos estudos de Frantz Fanon de como, por determinadas situações e mazelas do racismo, o negro tenta se equiparar ao branco a ponto de querer se tornar branco (conferir em *Pele negra, máscaras brancas*). Nesse processo ele abdica de toda uma tradição racial, ancestral e moral consigo mesmo.

Por pensar essa des(politização) na fragmentação em dois polos, o que constitui o ser político — crítico — e o ser que flexibiliza o pensamento da sua criticidade, não podemos deixar de pontuar os movimento existentes que buscam antenar a juventude a partir de algum recorte identitário. O movimento LGBTQIA+, por exemplo, tende a influenciar seus aderentes a ter a ciência dos seus direitos, indica leituras de escritores da mesma pauta ou condição colocada. O feminismo e a Mulherisma Africana¹ também (a menção de ambas cabe ao registro do gênero, não por assimilação de ideias) recorre à busca dos direitos das mulheres e suas reivindicações, fortalecimento e debates. Outro grande de grupo de reeducação é o movimento negro, identificado como o movimento mais bem estruturado da América, sempre efervescendo suas pautas, encontros, fomentando a ajuda aos seus participantes com grande expansão, visando o alcance e o auxílio do seu direito e sobrevivência. Como afirma Gomes (2017, p. 38):

¹ Mulherismo Africana é um conceito que tem sido moldado pelo trabalho de mulheres como Clenora Hudson-Weems, Ifi Amadiume, Mary E. Modupe Kolawole, e outras. O Mulherismo Africana pode ser visto como fundamental para o contínuo desenvolvimento da teoria Afrocêntrica. Mulherismo Africana traz à tona o papel das Mães Africanas como líderes na luta para recuperar, reconstruir e criar uma integridade cultural que defenda os antigos princípios Maáticos de reciprocidade, equilíbrio, harmonia, justiça, verdade, justiça, ordem e assim por diante. Nesse sentido, creio que expressar Maat possa ser um termo que desenvolverá ainda mais a teoria Afrocêntrica (DOVE, 1998).

O Movimento Negro resinifica e politiza a raça, compreendendo-a como construção social. Ele reeduca e emancipa a sociedade, a si próprio e ao Estado, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a diáspora africana.

Refletindo sobre esse último como exemplo e o escolhendo por sua grande estrutura ideológica em recorte de raça, podemos perceber a reverência e aprendizado com sua ancestralidade — pensar o passado; a culturalidade moderna, formas de reorganização — o presente; e as projeções de futuro, estudos Afrofuturistas — pensar o futuro. Essas são algumas típicas leituras requisitadas aos seus aderentes, que em suma, são compostos por jovens. A ingenuidade política necessita ser moldada nos primeiros momentos de interesse pela pauta. Portanto, de alguma forma, o movimento induz a sua juventude, que logo se tornarão lideranças, à politização que aqui não se faz partidária, mas uma politização do seu ser enquanto sujeito histórico.

O movimento negro pode ser entendido como: [...] a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Para o Movimento Negro, a “raça”, e, por conseguinte, a identidade étnico-racial, são utilizadas não só como elemento de mobilização, mas também na mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o Movimento Negro, a “raça” é um fator determinante de organização dos negros em torno de um **projeto comum de ação** (DOMINGUES apud GOMES, 2017, p. 22. Grifo nosso).

Nessa medida, as organizações comunitárias e os movimentos sociais urgem essa juventude à politização. Isto posto, a identidade negra, portanto, aqui influi a consciência política. Dessa maneira, a estagnação de outras demandas, de outros jovens que não se encontram, não dialogam ou discutem na praticidade, até mesmo presencialmente, as “movimentações” necessárias para ocasionar mudança no seu ideário político, dificilmente sairão do plano discursivo para assumir a práxis.

Outra forma e tipo de movimentação educacional com engrenagens políticas são os movimentos artístico-culturais, os quais, por meio da reflexão das tradições, assumem formas próprias de exporem seus discursos na mesma medida em que cria e recria um produto cultural. O hip-hop é um desses mecanismos, pois, na medida em que produz a arte, a poesia, a expressão corporal e o ritmo, ecoa também uma posição política de denúncia e está também muito alicerçado no ideário do movimento negro. Conforme

Messias (2015) adverte: *o hip-hop* consiste em um movimento estético-político que incorpora dança, música (rap), basquetebol, artes plásticas, poesia, capoeira, prática política e educacional com releituras das tradições africanas do candomblé. Já a forma de reeducação desses sujeitos imersos no movimento buscando sempre se ressignificar e buscar mais conhecimento. Em concordância, afirma Souza (2011, p. 80):

Os grupos têm buscado formas de visibilizar as novas maneiras de relacionar-se com práticas culturais, cuja centralidade está na linguagem escrita, gestual, imagética, música. Participar do Hip-hop tem significado aprender a inserir-se no universo letrado, alterando as imagens naturalizadas sobre as práticas de letramento dos jovens de periferia, dos jovens negros e pobres.

O exemplo do movimento hip-hop é o último e o mais pertinente para explicar esse alicerce. Ele mantém-se em constante busca de meios tanto na linguagem quanto na tecnologia para alcançar meios de reexistir. Além disso, cativa de forma instigante jovens sem leituras para a leituras e para a criticidade da sua existência, persuadindo o encontro do seu eu, das suas vivências para o dialogando com sua visão enquanto sujeito histórico.

JUVENTUDE E ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

*“Kerouac eu fiz uma rima pra sua geração beat”
– Baco Exu do Blues*

Entre os anos de 1944 até 1959, surge no EUA um grupo insurgente de jovens artistas que forçaram a mídia, o governo e o *mainstream* a reconhecerem seus lugares enquanto produtores culturais. Permeavam entre gêneros musicais — mesmo sendo o jazz a sua marca preponderante — e literários de forma muito intensa e irreverente. O nome desse movimento se chama “Geração beat”, nome herdado de um dos seus maiores produtores no âmbito literário, Jack Kerouac (1922-1969), responsável por produzir a obra “Bíblia hippie”. Nessa obra o autor discorre sobre suas experiências em viagem durante anos pelo EUA e México. Um fato importante no movimento é a forma pela qual as produções eram feitas e como eram entregadas. Inclusive, na própria “Bíblia Online” há o fator de linguagem, sempre contendo muitas gírias, falta de normatização ortográfica e metáforas, vista como intencional e a sua não adaptação à linguagem formal como exemplo de irreverência lírica, traços comuns nas obras dos adeptos desse movimento. As obras desses jovens levavam suas histórias, contava sobre seus estilos de vida e seria como uma resposta ao sistema governamental estabelecido após a Segunda Guerra Mundial.

No mesmo teor revolucionário, temos também a “Geração 70”, conhecida por ser composta por jovens estudiosos responsáveis por incendiar o debate acerca da cultura e da condição governamental em Coimbra e, posteriormente, Lisboa. O grupo conquista seu apogeu no ano de 1865. Faziam parte do grupo de intelectuais grandes ensaístas e poetas muito estudados na Literatura Portuguesa hodiernamente como o próprio Eça de Queiroz (1845-1900) e Teófilo Braga (1843-1924). Como traço fundamental enquanto movimento literário, seu destaque estava na amplitude de perceber as organizações sociais, artísticas e culturais em Portugal e em outros países como a França, Inglaterra e Alemanha. Para tanto, buscando reivindicar isso a partir de formas próprias com seus saberes aflorados na Europa, utilizaram de uma escrita também incisiva se comparada a utilizada nas obras literárias do mesmo período e conquistaram visibilidade e movimentação na política como já era pretense.

Ademais, não podendo faltar um grande exemplo abasileirado de revolução literária (e da deixa do recorte racial tencionado como exemplos marcantes) temos a literatura negra ou literatura afro-brasileira — em vista de ainda se pensar em qual denominação será usada nos estudos literários, conferir Edmilson (2018)² — tomando seu lugar de direito na literatura brasileira.

A partir da cosmovisão racial, a qual possibilita perceber as mazelas estruturais do racismo, a população negra compreendeu que nenhuma pessoa não tivesse sobre a epiderme a cor negra poderia descrevê-lo enquanto pessoa, sujeito — subjetividade —, quem dirá falar sobre sua dor. Nessa perspectiva, sob as reflexões no avanço na pesquisa no campo da Diáspora desde o século XIX, o eu que se quer negro passa a re(produzir) a história a partir da sua própria caneta. Contando e recontando. Vivendo e revivendo cada entrelinha. Contudo, como já pontuamos que nenhuma ruptura é utópica, como bem salienta Frantz Fanon, o lugar para suas produções foi negado entre a academia, entre os livros, entre o prestígio literário. Dessarte, é só a partir do século XX, impulsionado pelo seu movimento político social de equidade racial, que se pensa e estrutura a Literatura Negra ou Literatura Afro-brasileira. Tal aspecto literário passou e rompeu diversas barreiras, mas conseguiu-se firmar enquanto campo de estudos e contemporaneamente revive sua trajetória com muita qualidade e força em suas narrativas, fazendo surgir grandes nomes dentre ela, bem como: Conceição Evaristo (1946-), Luís Gama (1830-1882) e Maria Firmina dos Reis (1822-1917), dentre diversos outros antagonistas na luta enquanto movimento racial e literário.

² Referência ao artigo “Territórios cruzados: relações entre o cânone literário e a literatura negra/afro-brasileira

Em suma, ambos os movimentos literários e artísticos acima mencionados, se é que essas áreas mereçam uma distinção, contêm alguns fatores recorrentes: (i) o período do ciclo de vida dos “revolucionários”, a juventude; (ii) a irreverência, ou melhor, uma roupagem diferente da sua arte; (iii) em sua arte não tratavam apenas da sociedade a partir do que acreditavam caber à sua cosmovisão, mas tudo imbricado também ao patamar político. E, principalmente, nesse último se localiza o *corpus* da nossa discussão. Toda movimentação que requer a manutenção de concepções e reflexões de dogmas, requer, de algum jeito, a manutenção de hierarquias. Ao fazê-lo, o incômodo estrutural se expõe e tenta reagir com ações ainda maiores, assim, colocando o papel da liberdade de expressão, por menor, o lugar da democracia, à prova.

Grupos pequenos, porém, intelectualmente potentes, fato que dava mais qualidade às suas obras do que especialmente a quantidade. Pessoas, das quais, além de perceber a rendição da sociedade ou de um grupo a um modo de vida, a um sistema ou até mesmo classificação, reverteram o escravagismo. Pensar a as duas primeiras décadas do século XXI nesse campo de hipertextos e hiperlinks é um convite honroso para repensar a luz do contemporâneo³. No século XXI as comunidades organizadas constroem suas próprias falas e as evidenciam. Provocam a revisão sistemática para localizar suas afirmações e mazelas. Assumem papel de insubmissão, pelo menos no campo do discurso. No entanto, a concepção da mudança não garante o fenômeno da sua reexistência, isso exige movimento. Movimento exige disposição, gana, interesse, novas roupagens, ciência das novas tecnologias, irreverência, fato que a juventude da garante firmemente no plano do discurso, mas deixa a desejar na elucidação da *práxis*.

Redundantemente, longe da busca utópica, é possível também repensar a condição antológica dessa juventude. A busca insana e por meios próprios por melhores condições de viver; a busca para se manter ativo às novas informações e ciências exigem tecnologias mais avançadas. A exemplo: Uma plataforma de música e vídeos famosa ganha bilhões de visualizações todos os dias, ela pode ser acessada por um computador ou celular. Contudo, para baixar e poder ouvir como, quando e onde quiser, precisará de uma nova plataforma e/ou aplicativo da mesma organização. Para publicá-lo e compartilhá-lo, você precisará de outras três plataformas ou aplicativos que podem não ser do mesmo domínio, mas têm seus acordos garantidos. Para tudo isso, aliás, apenas para isso, já que esse exemplo é uma menor demonstração das estratégias sistemáticas, você precisará de uma máquina de computador potente, de um celular que se possível seja da última linha de lançamentos e o

³ Aqui entendemos contemporâneo em uma visão cosmopolita, entendendo-a como tempo alicerçado no passo, mas que vive e planeja seu próprio futurismo.

ciclo vai se repetindo. Digamos que essa música ou clipe que exigiu inconscientemente grande parte da sua renda mensal, fosse para debater, reivindicar, discutir ou se sentir bem consigo mesmo, de qualquer forma, o telespectador ou ouvinte ainda é um consumidor de uma estratégia sistêmica escravagista.

De repente vemos impedida uma parte do trabalho de subjetivação e de individualização, pelo qual, ainda pouco, qualquer ser humano se tornava uma pessoa dotada de identidade mais ou menos indexável. Quer queiramos ou não, o nosso tempo é o da plasticidade, da polinização e de toda a espécie de transplantes – plasticidade do cérebro, polinização do artificial e do orgânico, manipulações genéticas e transplantes informáticos, ligação cada vez mais estreita do humano à máquina. (MBEMBE, 2017, p. 6).

Para mudar o sistema é preciso estar incluso nele? Não se percebe como pré-requisito, mas se possível, que assim seja para entender seu funcionamento e agir para sua desmontagem ou desqualificação. Entretanto, inclusão está bem longe da rendição. Importante ressaltar que mesmo sendo poucos, estavam juntos e alicerçados pela comunidade de ideias. Na pós-modernidade, as pessoas tendem a serem mais individualistas e se afastam de suas comunidades históricas em busca de atualizações do próprio espírito, mas para revolucionar, é preciso estar bem consigo mesmo, disposto. As perspectivas tendem a se difundirem e entrarem em divergência, pois, cada pessoa achará uma forma de construir significados de vida escolhendo uma de suas identidades como superabundante.

Se torna interessante pensar a capacidade juvenil nas mudanças sociais através da história e como exemplo, citando um livro que para muitos é sagrado, mas aqui o considerando enquanto enciclopédia de registros históricos de uma determinada comunidade de fé, a bíblia, achamos nas palavras sagradas escritas a mais de dois mil anos a mesma perspectiva visionária. O reconhecimento do espírito jovem como o mais capaz para pensar a força da mudança: “Eu vos escrevi, jovens, porque sois fortes, e a palavra de Deus está em vós, e já vencestes o maligno” (1 João: 2. 14). O mais interessante é perceber nesse contexto que o maior inimigo da comunidade de fé, o qual todos sabem de sua grande capacidade maligna, é o mesmo sendo afirmado como já vencido pelos Jovens.

A importância de considerar a condição da juventude não só em dado recorte de tempo está em pensar a pós-modernidade ou o período contemporâneo, como preferir, de forma isolada, mas ela é um fruto de constituição diacrônica da história, assim, não se deve desvalorizar quaisquer que sejam suas referências de composição desse corpus. Portanto, quando pensamos como certo tipo de governo poderia utilizar de estratégias de

silenciamento, percebemos que não bastaria mais tentar frear as formas, plataformas ou silenciar discursos na era em menção, contudo, instituir modos de persuasão das pessoas que possam coloca-las em planos de evidencia, de voz, de forjar uma falsa força que disfarça uma total impotência, pois seus meios ainda são dominados e em compensação, a sua mente também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe também de retomar as rotineiras discussões e explorar o termo pós-modernidade a despeito do seu início, de sua forma de readaptação social ou conceito, recorreremos apenas a uma de suas identificações mais perceptíveis: a tecnologia. Mesmo não utilizando o termo e fazendo apenas um recorte temporal entre as duas primeiras décadas do século XXI até o que denominamos contemporâneo, sendo o início da década de 20.

Nesse meio tempo, as coordenadas tiveram que se readaptar a uma série de fatores, transformando a forma de governo na devolução de auxílios, de defender opiniões partidárias, de moldar as formas de ensino e principalmente de reivindicar, frente as demandas de saúde, por meio de ferramentas tecnológicas. Assim, com base nas reflexões propostas podemos perceber que a juventude incluída em projetos e movimentos ainda buscam formas de enfrentamento, longe das utopias e reagindo de forma cirúrgica. Enquanto nas ideologias reacionárias em suma construídas pela política de des(governo) tendem a ser ignoradas ou denotadas sem ação prática devido a individualização do saber, do pensar e do reagir — o monopólio.

Pudemos perceber no decorrer do nosso trabalho o quando a juventude teve e tem um papel importante na formação de novos movimentos, na integração dos já existentes e, principalmente, no aprendizado a partir desse ingresso aos meios que influem sua criticidade. Contudo, como prometeu-se fugir de percepções utópicas, também pudemos analisar o quanto esses movimentos também estão sendo fragmentados e extenuados ao longo do tempo, na medida em que as pautas se divergem, se expandem e novas roupagens se tornam necessárias para a perpetuação da sua existência. As identidades fragmentadas têm mais dificuldades de se unirem em prol de um só ideário e a busca constante pela afirmação e pela sobrevivência acaba por vencer, espera-se que momentaneamente, a virtude e força de uma geração juvenil.

Não exaurindo a debate, mas o teor de individualismo que vimos na questão identitária terá se se emancipar de forma positiva, a partir da compreensão do sujeito sobre a necessidade de mudança, a qual terá de ser feita de forma própria, para depois expandi-la

ao plano coletivo. Novas tecnologias, movimentações efêmeras e ferramentas surgem a cada dia, e o jovem do início da década de 20, com as leituras suplementares acerca da sua identidade, conseguirá arcabouços para fortalecer não só o seu discurso, mas propor e influenciar diversos outros adjacentes para futuras revoluções.

REFERÊNCIAS

DOVE, Nah. **Mulherisma Africana**: uma teoria acrocêntrica. Tradução Wellington Agudá. *Jornal de estudos negros*: Vol. 28, Nº 5, maio de 1998.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação / Nilma Lino Gomes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira, Lopes Louro - 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MBEMBE, Achille. **A saída da democracia in**: Política da inimizade. Tradução Marta França: 1ª ed. Jul. 2017.

MESSIAS, Ivan dos Santos. **Hip-hop, educação e poder**: o rap como instrumento de educação. Salvador: EDUFBA, 2015.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

*Recebido em 17 mai 2020.
Publicado em 01 jun 2020.*

ⁱ Acadêmico do VIII semestre do curso de Letras Vernáculas com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia, *Campus XXI*. E-mail: savio123oliver@gmail.com